Capítulo 77

Educação em Saúde: Concepções e práticas docentes na Educação Básica

Health Education: Conceptions and teaching practices in Basic Education

https://doi.org/10.56238/cienciasaudeestuepesv1-077

Bruna Corrêa Nonato
Diretoria Regional de Ensino de Campo Limpo
CEU EMEF Hermes Ferreira de Souza
São Paulo – SP
E-mail: bc.nonato@unifesp.br

Otilia Maria Lúcia Barbosa Seiffert
Universidade Federal de São Paulo
Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde
São Paulo – SP
E-mail: o.seiffert@unifesp.br

RESUMO
A Educação em Saúde se relaciona aos processos educativos de conhecimento em saúde e combinações de experiências de aprendizagem que buscam contribuir para a autonomia das pessoas no cuidado à própria saúde. O conceito objetiva transformações no comportamento das pessoas e do coletivo no sentido de favorecer ações voluntárias. A escola se torna por isso um campo bastante propício para processos de ensino-aprendizagem que tratem da Educação em Saúde. Este artigo deriva-se da pesquisa de mestrado "A formação e a prática de ensino-aprendizagem em Educação em Saúde do professor da Rede Pública Municipal de São Paulo: análise do Ciclo Autoral na região do Campo Limpo", do Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde – Mestrado Profissional do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). A pesquisa analisou o espaço que a Educação em Saúde ocupa nos processos formativos e práticas de ensino-aprendizagem de professores da educação Básica - Ciclo Autoral de escolas da Rede Pública Municipal de São Paulo na região do Campo Limpo. A pesquisa ancorou-se nos fundamentos da abordagem metodológica qualitativa, englobando pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa empírica. A pesquisa de campo foi realizada com um questionário semiestruturado do *Google* Formulários tendo vinte e três professores participantes de três escolas da região. A análise dos dados evidenciou que há um espaço em construção da Educação em Saúde nas escolas, sua importância e benefícios são claros aos(às) docentes, porém ainda é necessário o fortalecimento das ações formativas voltadas à saúde considerando os anseios e perspectivas dos(as) professores(as). A formação inicial e continuada se reflete na atuação docente, delineando possibilidades de caminhos para onde seguir.

Palavras-chave: Educação em Saúde, Formação docente, Práticas de ensino-aprendizagem, Educação Básica, Ciclo Autoral, Escolas da Rede Pública Municipal de São Paulo no Campo Limpo

ABSTRACT
Health Education is related to the educational processes of health knowledge and combinations of learning experiences that seek to contribute to the autonomy of people in the care of their own health. The concept aims at transformations in people's and collective behavior in order to favor voluntary actions. The school becomes, therefore, a very favorable field for teaching-learning processes that deal with Health Education. This article is derived from the master's research "The formation and teaching-learning practice in Health Education of teachers of the Municipal Public Network of São Paulo: analysis of the Authorial Cycle in the Campo Limpo region", of the Graduate Program in Health Sciences Teaching - Professional Master's Degree from the Center for the Development of Higher Education in Health (CEDESS) of the Federal University of São Paulo (UNIFESP). The research analyzed the space that Health Education occupies in the formative processes and teaching-learning practices of teachers of Basic Education - Authorial Cycle of schools of the Municipal Public Network of São Paulo in the Campo Limpo region. The research was anchored on the foundations of the qualitative methodological approach, encompassing bibliographic research, documentary research and empirical research. The field research was carried out with a semi-structured Google Forms questionnaire, with twenty-three

participating teachers from three schools in the region. The analysis of the data showed that there is a space under construction for Health Education in schools, its importance and benefits are clear to the teachers, but it is still necessary to strengthen the formative actions focused on health, considering the teachers' wishes and perspectives. Initial and continuing education is reflected in the teachers' performance, outlining possibilities of paths to follow.

Keywords: Health Education, Teacher Training, Teaching-Learning Practices, Basic Education, Authoring Cycle, Municipal Public Schools of São Paulo in Campo Limpo

1 INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a apresentar a análise dos dados empíricos da pesquisa de mestrado "A formação e a prática de ensino-aprendizagem em Educação em Saúde do professor da Rede Pública Municipal de São Paulo: análise do Ciclo Autoral na região do Campo Limpo" (NONATO, 2022), do Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde – Mestrado Profissional do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Essa pesquisa teve como foco de análise o espaço que a Educação em Saúde ocupa nos processos formativos e práticas de ensino-aprendizagem de professores(as) da Educação Básica - Ciclo Autoral de escolas da Rede Pública Municipal de São Paulo na região do Campo Limpo. O Ciclo Autoral corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental, 7º, 8º e 9º ano, fase que objetiva fomentar o protagonismo juvenil por meio da ampliação de saberes, compreensão da realidade e indicação de superação aos desafios da realidade (SÃO PAULO, 2019).

Para adentrar na Educação em Saúde se faz necessária a compreensão da definição ampliada do termo saúde que não se restringe à ausência de doença, mas a um bem-estar integral (físico, mental, social etc.). Com a criação da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1945, que trouxe esta nova definição de saúde, muitos avanços puderam ocorrer nas discussões sobre o processo saúde-doença a partir da visão ampliada de saúde (SOUZA; JACOBINA, 2009).

Segundo o Ministério da Saúde, a Educação em Saúde é definida como "processo educativo de construção de conhecimentos em saúde que visa à apropriação temática pela população" (BRASIL, 2012, p. 19). Ela contribui no fomento à autonomia das pessoas em seus próprios cuidados, considerando as suas necessidades, e estimula o debate entre os diferentes grupos da sociedade. Candeias (1997) alerta sobre a importância de não se confundir Educação em Saúde com informação em saúde, pois a primeira tem como objetivo buscar transformações no comportamento individual e coletivo e não somente transmitir informação.

O espaço para a saúde na escola tem potencialidades que atingem todo o processo de ensino-aprendizagem, propiciando reflexão, diálogo e inclusive resolução de problemas que possam alcançar a comunidade.

Morin (2011, p. 37) afirma que

> [...] a educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que, com frequência, a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar.

Apesar de todas as contribuições que as práticas em Educação em Saúde podem proporcionar dentro da escola, elas percorrem também os caminhos de quem forma. O(A) professor(a) necessita de espaços formativos que permitam o seu desenvolvimento e atualização na temática. Esse aspecto da formação docente já vem sendo discutido há bastante tempo, por isso se faz imprescindível um olhar para quem já está na área, ou seja, quem está atuando na sala de aula.

Para não reproduzir o modelo tradicional pedagógico, com simples informes de saúde, sem reflexão ou diálogo, precisamos enquanto educadores(as) também de espaços que nos permitam questionar, criar, repensar, agir e transformar. Freire (2020, p. 120) argumenta que:

> Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação.

O fazer docente deve se processar na e pela prática e não na reprodução. A Educação em Saúde se problematizada na escola, articulada a outros setores, sendo vista e trabalhada de maneira interdisciplinar numa perspectiva de educação integral, pode trazer benefícios para toda a comunidade escolar, corroborando numa aprendizagem de mais qualidade e promovendo o bem-estar integral dos educandos. A Educação em Saúde precisa ser tema contínuo nas práticas de ensino-aprendizagem nas escolas, pois tem potencialidades que acarretam impactos em toda a comunidade.

As restrições impostas pela COVID-19 causaram estresse emocional em muitos jovens. A Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) realizou estudo sobre o assunto e demonstrou que 36% dos jovens brasileiros apresentaram sintomas de depressão e ansiedade durante a pandemia de COVID-19. Estima-se que esse número possa ainda ser maior (USP, 2021).

A escola possui papel importante na formação do cidadão crítico, por isso precisa ser vista e entendida como um espaço para o desenvolvimento em diversos âmbitos, afinal contribui para a construção de valores pessoais, visão de mundo, estimulando a autonomia e a prática de ações mais saudáveis (BRASIL, 2009).

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O desenvolvimento da pesquisa foi ancorado nos fundamentos da abordagem metodológica qualitativa, que englobou pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa empírica A pesquisa empírica, foco deste artigo, permitiu uma aproximação direta a docentes da Educação Básica – Ciclo

Autoral. Assumimos a premissa que a pesquisa empírica deve ser orientada pelo mesmo paradigma em todos os seus elementos constituintes, pois esses elementos incluem a forma, ou a "lente", usada para abordar o objeto sob estudo e delimitar a lacuna do correspondente âmbito do conhecimento, o referencial teórico, a metodologia, os procedimentos realizados (HOGA; PEREIRA, 2016).

Para a pesquisa empírica seguiu-se os passos: produção de 1ª versão do questionário; realização do pré-teste do questionário semiestruturado; análise dos resultados do pré-teste e revisão do questionário; aplicação do questionário final; sistematização dos dados; análise e interpretação dos dados. A aplicação do questionário semiestruturado se efetivou via *Google* Formulários, tendo 23 professores participantes de 3 escolas da região num raio de 5 km de distância entre elas. A escolha dos colaboradores (amostra homogênea) foi feita com base nos seguintes critérios: professores efetivos no cargo de Professor de Ensino Fundamental II e Médio da Rede Pública Municipal de São Paulo na região do Campo Limpo, atuantes nos anos de 2020, 2021 ou 2022 no Ciclo Autoral nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Inglês, Artes, Educação Física, Leitura ou Educação Digital. Pretendeu-se atingir um grupo diversificado de forma a se obter pelo menos um(a) professor(a) participante de cada disciplina

Os(As) professores(as) foram convidados(as) a participar da pesquisa por meio de convite digital veiculado pelo Whatsapp. No Convite foi possível acessar o formulário. A plataforma utilizada foi a *Google Workspace*, da *Google*, que possui serviço de proteção de informações e privacidade.

A análise dos dados foi realizada pela análise de conteúdo. Segundo Franco (2012, p. 12) "o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada". Esse processo foi organizado em três polos propostos por Bardin (2016): 1º) Pré-análise – fase de organização e sistematização de ideias a partir da escolha dos documentos, formulação de hipóteses e objetivos assim como indicadores para a interpretação; 2º) Exploração do material – fase para operações de codificação e enumeração e escolha das unidades baseadas em regras previamente estabelecidas; 3º) Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação – estabelecimento de quadros de resultados, gráficos, fase de tratamento, inferência e interpretação dos dados.

A análise temática ou categorial teve como regra de categorização a semântica, ou seja, os significados semelhantes. Desse processo resultaram as seguintes categorias temáticas: Formação inicial de educação superior; Formação continuada; Educação em Saúde; Relevância da saúde em sala de aula; Interesse dos(as) alunos(as) nas temáticas de saúde na perspectiva dos professores; Práticas de ensino-aprendizagem em saúde; Práticas de ensino-aprendizagem sobre saúde durante a pandemia de COVID-19; Facilidades e fragilidades nos processos de ensino-aprendizagem em saúde; Projetos de saúde realizados entre 2020 e 2022; A Saúde nos componentes curriculares; e devolutiva do estudo. Foram destacados trechos relevantes nas respostas de cada um(a) dos(as) professores(as) com a intencionalidade de mostrar suas concepções e práticas pelas suas próprias palavras.

Assim sendo, o objetivo deste artigo é colocar em foco a *palavra* dos(as) professores(as) atuantes no Ciclo Autoral acerca da sua formação e prática docente no que se refere à Educação em Saúde. Para tal,

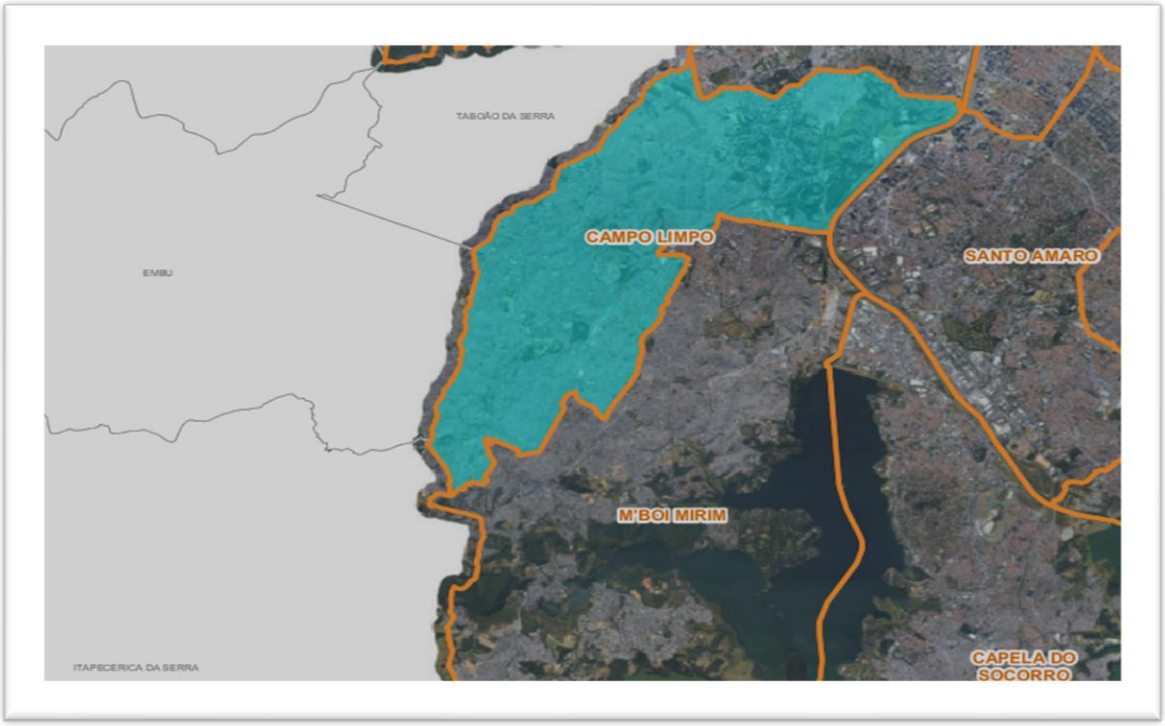
descrevemos o espaço da pesquisa, por considerarmos fundamental o conhecimento dessa realidade para compreendermos os sujeitos que dela fazem parte. Em seguida, o olhar se volta ao perfil dos(as) professores(as) colaboradores(as) desta pesquisa. Ao fim, apresenta-se a percepção desses protagonistas sobre a Educação em Saúde na escola.

3 A REGIÃO DO CAMPO LIMPO

A história do Campo Limpo é contada por relatos de antigos moradores que citavam a presença de fazendas e colônias diversas de pessoas atraídas pelos preços baixos dos terrenos. Os treinos dos cavalos do Jóquei Clube de São Paulo eram realizados na região, muitos atribuem essa circunstância ao nome "Campo Limpo". O primeiro ônibus começou a circular em 1963, a energia elétrica foi instalada em 1958 e o calçamento das ruas iniciou-se em 1968. A instalação da Administração Regional do Campo Limpo foi realizada em 01/03/1973, hoje chamada de Subprefeitura de Campo Limpo. A principal atividade econômica da região é o comércio (SÃO PAULO, 2022).

A Subprefeitura do Campo Limpo é composta por três distritos: Campo Limpo numa área de 12,8 km^2, Capão Redondo numa área de 13,6 km^2 e Vila Andrade numa área de 10,3 km^2 (SÃO PAULO, 2022) que totaliza uma área de 36,7 Km^2. A região faz divisa com os municípios de Taboão da Serra, Embu e Itapecerica da Serra e dentro do município de São Paulo com as Subprefeituras de Butantã, Santo Amaro e M'Boi Mirim conforme Mapa 1.

Mapa 1. Mapa fotográfico da região do Campo Limpo



Fonte: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx# (Acesso em05/09/2022)

O Campo Limpo é uma região que faz divisa com várias cidades, por isso é passagem de pessoas indo em direção ao interior assim como à capital, lugar de população densa e pontos de trânsito intenso. Foi bastante afetado com a pandemia de COVID-19 por sua atividade econômica principal ser o comércio. Possui comunidades carentes e locais que precisam de bastante atenção do poder público por conta de enchentes, por exemplo, dentre outros problemas que acometem a saúde coletiva.

4 PERFIL DOS(AS) PROFESSORES(AS) PARTICIPANTES

Ao todo foram vinte e três participações sendo dezesseis professoras e sete professores. Em conformidade com o TCLE, os nomes não são revelados, portanto foram criados nomes fictícios para cada participante, inspirados em grandes escritores(as) e poetas brasileiros(as): Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Cora Coralina, Vinicius de Moraes, Jorge Amado, Lygia Fagundes Telles, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Carolina Maria de Jesus, Zélia Gattai, Mário de Andrade, Hilda Hilst, Adélia Prado, Conceição Evaristo, Thalita Rebouças, Lélia Gonzáles, Ruth Rocha, Maria Clara Machado, João Ubaldo Ribeiro, Dalton Trevisan, Ariano Suassuna, Elisa Lucinda e Marina Colasanti, preservando o gênero indicado de cada participante, conforme tabela. As três escolas da DRE Campo Limpo que participantes receberam nomes fictícios para identificação na pesquisa que foram inspirados em obras de Paulo Freire: *Pedagogia da Esperança (2013)*, *Pedagogia da Autonomia (2021)* e *Educação como prática de liberdade* (1967).

Tabela 1. Relação de professores(as), segundo disciplinas e escolas

Professor(a)	Disciplina	Escola
Clarice	Matemática	EMEF Esperança
Manuel	Geografia	EMEF Esperança
Cora	Inglês	EMEF Esperança
Vinicius	Educação Física	EMEF Esperança
Jorge	Matemática	EMEF Esperança
Lygia	História	EMEF Esperança
Cecilia	Geografia	EMEF Esperança
Rachel	História	EMEF Esperança
Carolina	Ciências	EMEF Esperança
Zélia	Língua Portuguesa	EMEF Esperança
Mário	História	EMEF Esperança
Hilda	Artes	EMEF Esperança
Adélia	Matemática	EMEF Esperança
Conceição	Matemática	EMEF Autonomia
Thalita	*Não respondeu	EMEF Autonomia
Lélia	História	EMEF Autonomia
Ruth	Geografia	EMEF Liberdade
Maria Clara	*Não respondeu	EMEF Liberdade
João	Inglês e Língua Portuguesa	EMEF Liberdade
Dalton	História e Educação Digital	EMEF Liberdade
Ariano	Ciências	EMEF Autonomia
Elisa	Inglês	EMEF Autonomia
Marina	Educação Física	EMEF Esperança

Fonte: Dados coletados em Questionário do *Google Forms* (NONATO, 2022)

Tivemos a participação de catorze (60,9%) docentes da EMEF Esperança, quatro (17,4%) da EMEF Liberdade, e cinco (21,7%) da EMEF Autonomia. Foram dezesseis mulheres (69,6%) e sete homens (30,4%). Quanto à faixa etária, doze (52,2%) tinham idade entre 45 e 54 anos, cinco (21,7%) idade entre 35 e 44 anos, quatro (17,4%) idade entre 25 e 34 anos e dois (8,7%) idade entre 55 e 64 anos. No que se refere à titulação dos(as) participantes, dez (43,5%) possuem especialização completa, oito (34,8%) graduação completa, três (13%) mestrado completo e dois (8,7%) estão com mestrado em andamento. Do tempo de atuação total na Rede Municipal de Ensino oito professores(as) (34,8%) informaram o tempo de dez a quinze anos, sete (30,4%) de quatro a nove anos, cinco (21,7%) de dezesseis a vinte e um anos, dois (8,7%) de vinte dois anos ou mais e um professor (4,4%) de até três anos. Já acerca do tempo na Unidade atual de ensino, oito professores(as) (34,8%) informaram o tempo de quatro a nove anos, sete professores(as) (30,4%) até três anos, seis professores(as) (26,1%) de dez a quinze anos e dois professores(as) (8,7%) dezesseis a vinte e um anos.

Quanto ao vínculo a componentes curriculares, o grupo de participantes teve a seguinte configuração: cinco (23,8%) de História, quatro (19%) de Matemática, três (14,3%) de Geografia, três (14,3%) de Inglês, dois (9,5%) de Educação Física, dois (9,5%) de Ciências, dois (9,5%) de Língua Portuguesa, um (4,8%) de Artes e um (4,8%) de Educação Digital. Dois professores(as) não responderam a essa questão.

Em relação à atuação no Ciclo Autoral nos anos de 2020, 2021 e 2022 o seguinte quadro se apresentou: quinze (68,2%) professores(as) apontaram atuação no sétimo ano, vinte (90,9%) professores(as) no oitavo ano, dezenove (86,4%) professores(as) no nono ano. Um dos participantes não respondeu essa pergunta. Salienta-se que o(a) mesmo(a) professor(a) pode atuar em mais de um ano.

Ao serem questionados sobre acúmulo de cargo, dos vinte e três participantes, doze (52,1%) responderam que atuavam em outra rede de ensino e onze responderam que não (47,8%). Dos(as) professores(as) com acúmulo de cargo, oito (80%) atuam na Rede Estadual de Ensino de São Paulo, um (10%) na Rede Municipal de Ensino de Embu das Artes e um (10%) na Rede Municipal de Ensino de Itapecerica da Serra. Um dos professores respondeu que sim a esta questão, mas não identificou a rede, portanto não foi incluído neste último tópico referente à porcentagem das localidades de atuação.

5 EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA: “FALAS” DE PROFESSORES(AS)

5.1 FORMAÇÃO INICIAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Procuramos compreender inicialmente como a saúde se apresentou na formação inicial desses(as) professores(as), considerando que se tratava de um grupo diversificado quanto ao componente curricular de atuação. Dezoito (78,3%) professores(as) responderam que não tiveram conteúdo na graduação ou licenciatura que tratassem de saúde, enquanto isso cinco (21,7%) professores(as) afirmaram que sim. Solicitou-se aos que responderam sim o relato de sua experiência:

> *Estudei a anatomia humana e a fisiologia do exercício dos movimentos do corpo humano (Prof. Vinicius).*
>
> *Nas aulas de Psicologia sempre estudava sobre saúde mental (Profª Lygia).*
>
> *Estudamos temas sobre doenças em geral (Profª Carolina).*
>
> *Fiz uma segunda licenciatura em Educação Física, portanto tive temas relacionados à saúde (Profª Zélia).*
>
> *Primeiros socorros (Profª Marina).*

Esse grupo de professores(as) vinculam-se à Educação Física e Ciências, disciplinas onde a saúde se compõe de forma bastante concreta em currículo. Os professores(as) que não se recordam de temáticas em saúde na formação inicial possuem nível superior completo, com pelo menos uma licenciatura pois é o pré-requisito para atuação na Prefeitura Municipal de São Paulo como professor(a) efetivo(a). Uma das disciplinas nos cursos de licenciatura é a Psicologia da Educação, por exemplo, que trata dos processos de aprendizagem, que podem ser relacionados também à saúde.

A formação inicial vai refletir posteriormente nas práticas em sala de aula, conforme argumentam Schwingel *et al.* (2021, p. 467):

> Escolas e professores podem encontrar dificuldades em organizar suas ações educativas em torno do tema Saúde, na aprendizagem dos estudantes, frente ao que seria Educação em Saúde no currículo das escolas. Essas dificuldades para desenvolver temas de saúde em sala de aula podem decorrer da pouca abordagem da temática nos cursos de formação inicial.

Portanto, se houver baixa oferta no acesso aos temas de saúde na formação inicial dos(as) professores(as), isso irá impactar sua prática em sala de aula, gerando desafios em seu desenvolvimento como veremos posteriormente.

5.2 FORMAÇÃO CONTINUADA

Procurou-se também adentrar no campo da educação continuada. Catorze (60,9%) professores(as) responderam ter participado de algum curso com abordagem em saúde e nove (39,1%) professores(as) responderam não terem participado. A maioria dos cursos com temáticas em saúde foi realizada no âmbito da Diretoria Regional de Ensino e Secretaria Municipal de Educação, mas outros espaços formativos também foram citados tais como sindicatos a própria escola, entre outros.

Sobre os temas abordados nos cursos, a maioria respondeu tratar-se de COVID-19, por ter sido um contexto bastante marcante nas escolas, pela suspensão das aulas, protocolos sanitários, adaptações necessárias, além da obrigatoriedade pela SME de dois cursos para todos os servidores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, que segue o previsto no Decreto nº 54.453 de 11 de outubro de 2013, artigo XIV que trata da participação em atividades de formação continuada (SÃO PAULO, 2013). Destacam-se algumas falas:

Retorno às aulas: protocolos de segurança e acolhimento (Profª Raquel).

Cuidados e protocolos de saúde para evitar a Covid 19 (Profª Clarice).

Pandemia do Covid 19 (Profª Conceição).

No geral, percebeu-se que as experiências formativas que os(as) professores tiveram em saúde foram vistas como positivas, expressas com os adjetivos: "satisfatória", "muito proveitosa", "válida", "de extrema importância", "fundamental", "interessante", "necessário" e "pertinente":

Satisfatória, vídeos e informações escritas com ilustrações necessárias para ajudar na prevenção de COVID (Profª Cora).

Experiência muito proveitosa com encontros síncronos e assíncronos (Prof. Vinicius).

Totalmente pertinentes. Um tema necessário e de grande enriquecimento. Foi sensacional e formativo, além de alerta com relação ao cuidado (Prof. João).

O número de professores(as) que pontuaram formação continuada foi maior que o número de formação inicial. Os dados sugerem que o contexto de pandemia marcou os processos formativos do período analisado na percepção dos(as) professores(as). As experiências formativas foram descritas como positivas pela maioria dos participantes, sendo sugestionado aprofundamento por um deles.

Paro (2018, p. 107) afirma que "embora seja o protagonista da função docente, o professor não educa sozinho. A escola é que precisa ser concebida como educadora", ou seja, o trabalho coletivo é essencial para as práticas de ensino-aprendizagem significativas.

5.3 EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Para Schwingel *et al*. (2021, p. 478) "as propostas de ensino e aprendizagem sobre saúde na escola estão intimamente associadas aos entendimentos dos professores sobre o que é Educação em Saúde e promoção da saúde na escola". Por isso a necessidade de se compreender a visão do professor acerca do conceito. As falas a seguir expressam isso:

Ações e práticas educativas em sala de aula para a construção do conhecimento em saúde integrar e desenvolver nos alunos o senso de responsabilidade pela sua própria saúde e pela saúde da comunidade a qual pertence (Profª Cora).

A saúde mental e física do profissional da educação (Profª Adélia).

Educação em Saúde é um processo educativo que envolve a interação entre profissionais da saúde e da educação, e nesta interação é passada informações que vão auxiliar a população para novos conhecimentos e atitudes favoráveis à saúde e bem-estar (Profª Zélia).

Educação em saúde é você ter um bom ambiente (Prof. Jorge).

Creio que seja o autoconhecimento do próprio corpo, ou seja, saber escutar quando alguma coisa não está bem no nosso corpo (Profª Elisa).

É possível evidenciar algumas falas que relacionam a Educação em Saúde à articulação entre saúde e educação, à ideia de orientar ou informar, às ações e práticas educativas, à saúde do(a) professor(a), à saúde no ambiente escolar, dentre outros. Podemos inferir que, apesar de alguns(mas) professores(as) articularem Educação em Saúde com informação e orientação, a maioria deles(as) a percebe como um conceito mais amplo que envolve diversos segmentos e que traz benefícios para os(as) alunos(as) e para o ambiente escolar.

5.4 RELEVÂNCIA DA SAÚDE EM SALA DE AULA

Todos(as) professores(as) participantes da pesquisa concordaram ser a saúde um tema relevante para trabalhar em suas aulas. Isso mostra que apesar da pouca lembrança da temática na formação inicial e uma formação continuada em que nem todos(as) pontuaram acesso em questões relativas à saúde, eles(as) reconhecem que a saúde deve ter o seu espaço na sala de aula.

As justificativas atribuídas para a importância da saúde nesse contexto variaram e foram então organizadas em: promoção de qualidade de vida, relação entre estado de saúde dos(as) alunos(as) e a sala de aula, saúde do(a) professor(a), desenvolvimento do(a) aluno(a), articulação entre saúde e componente curricular, saúde como demanda do(a) professor(a) e saúde pública de qualidade.

A promoção de qualidade de vida foi reconhecida como um motivo bem presente nas respostas dos(as) professores(as). O trabalho em saúde é reconhecido como um mecanismo de contribuição para melhoria da vida na escola e na/da comunidade, conforme os relatos:

> *Promover projetos ou palestras educativas sobre saúde contribui para melhoraria do ambiente escolar, e também, na qualidade de vida dos alunos e da comunidade em geral (Profª Cora).*
>
> *Toda e qualquer prática que eduque e traga possibilidades de melhoria para a vida em sociedade tem fundamental importância no dia a dia da escola (Profª Conceição).*
>
> *Porque meio dessas aulas é possível formar futuros adultos saudáveis e com bons hábitos, por fim terem mais qualidade de vida (Profª Marina).*

Outros(as) professores(as) relataram a relação entre o estado de saúde dos(as) alunos(as) e a sala de aula reiterando que a saúde é um quesito que influencia a aprendizagem:

> *Com certeza pois minha aula depende muito do estado de como meus alunos está, logo, a saúde é essencial (Prof. Vinicius).*
>
> *Trabalhando essa questão que envolve o físico e emocional dentro da escola teremos uma escola mais acolhedora e com menos problemas inclusive dentro da sala de aula (Profª Rachel).*
>
> *A Saúde é muito importante e a informação é determinante para sua conservação. Afinal sem Saúde não se consegue trabalhar em sala de aula (Profª Adélia).*

Alguns(mas) professores(as) relacionaram a saúde à própria condição profissional, demonstrando que a saúde na escola não está restrita ao(à) aluno(a), pois também se relaciona aos(às) professores(as) de forma mais direta. A saúde do(a) professor(a) afeta a sua prática e necessita também de um olhar:

O professor saudável consegue desempenhar bem as suas funções (Prof. Jorge).

Fundamental, muitos professores adoecendo, até licenças psiquiátricas e alguns gestores/diretores intransigentes e intolerantes. (Prof. Mario)

Principalmente após pandemia, falar de saúde é essencial para qualquer área. Mentalmente estamos mais debilitados e saber como pedir ajuda e como ajudar faz toda a diferença (Profª Lélia).

Três professores(as) fizeram suas justificativas com base no desenvolvimento do(a) aluno(a):

A saúde é primordial para um bom desenvolvimento independente de qualquer aprendizagem (Profª Hilda).

Sim, fundamental, pois a consciência sobre a importância da saúde precisa ser construída (Profª Maria Clara).

Saber de si e ter essa responsabilidade é imprescindível (Prof. João).

Duas professoras mencionaram a articulação entre saúde e o seu componente curricular, mostrando como em suas práticas se promove o trabalho em saúde:

Muito importante! O material que a SME enviou aos estudantes durante o ensino remoto "Trilhas de Aprendizagem" contempla muitas atividades que relaciona e contextualiza a matemática com temas ligados a saúde, achei muito pertinente e após o retorno presencial continua fazendo uso deste material (Profª Clarice).

Considero, é muito importante e faz parte da própria História, aliás, dentro das minhas aulas sempre abordo assuntos relacionados às grandes pandemias, doenças, tratamentos, efeitos e como as pessoas lidavam/lidam (Profª Lygia).

Uma professora explicitou exigência gradativa acerca da educação integral, que se articula também à saúde, sugerindo um movimento de fomento a essas práticas, colocadas como parte da demanda do(a) professor(a).

Sim, visto que cada vez mais somos cobrados para desenvolver a educação integral considerando as dimensões intelectual, social, física, cultural e emocional, no qual deveria-se lidar com situações que envolvem questões de saúde (Profª Cecilia).

Por fim, uma outra professora mencionou a necessidade de não somente informar sobre saúde, mas ir além, buscando inclusive a compreensão sobre direitos dentro da saúde pública:

A saúde é importante de ser discutida não apenas para informar sobre doenças, mas os cuidados que devemos ter, sobre os direitos de termos uma saúde pública de qualidade (Profª Ruth).

Apesar de todos os(as) professores(as) concordarem sobre a importância de se tratar de saúde na sala de aula, os motivos que justificam esse posicionamento variaram. Essas variações se somam ao conceito de Educação em Saúde, apesar de cada um apontar para um viés, o que é natural quando tratamos de um tema amplo, podemos perceber um ponto de intersecção entre eles que é a busca pela melhoria da qualidade de vida dos(as) alunos(as), dos(as) professores(as) e de todos(as) ao redor.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs),

> a promoção da saúde ocorre, portanto, quando são asseguradas as condições para a vida digna dos cidadãos, e, especificamente, por meio da educação, da adoção de estilos de vida saudáveis, do desenvolvimento de aptidões e capacidades individuais, da produção de um ambiente saudável, da eficácia da sociedade na garantia de implantação de políticas públicas voltadas para a qualidade da vida e dos serviços de saúde (BRASIL, 1997, p. 255).

A saúde é tema para reflexão, discussão e luta de toda a sociedade. A escola é lugar de fomento à criticidade para a busca das melhorias necessárias para toda a comunidade.

5.5 INTERESSE DOS(AS) ALUNOS(AS) NAS TEMÁTICAS DE SAÚDE

Quanto ao interesse dos(as) alunos(as) nas temáticas relativas à saúde, dezenove (86,4%) professores(as) responderam perceber esse interesse, três (13,6%) responderam que não. Sabe-se que o interesse do(a) aluno(a) é um fator importante nas práticas pedagógicas pois é um facilitador da aprendizagem.

Aos(Às) professores(as) que responderam sim, solicitamos que relatassem quais temáticas despertavam mais interesse dos(as) alunos(as). Ao total tivemos 42 temáticas conforme mostra a Tabela 2:

Tabela 2. Temas de maior interesse dos(as) alunos(as)

Temas de maior interesse dos(as) alunos(as)	Frequência	Porcentagem
Corpo e reprodução humana	12	28,6%
Saúde mental e emocional	12	28,6%
Doenças causadas por vírus, fungos, bactérias e protozoários	6	14,2%
Alimentação	4	9,5%
Drogas	3	7,1%
Esporte	2	4,8%
Pandemia e vacina	2	4,8%
Saúde de forma geral	1	2,4%

Fonte: Dados coletados em Questionário do *Google Forms* (NONATO, 2022)

Como é possível constatar as questões ligadas ao corpo e à reprodução humana assim como a saúde mental e emocional foram os temas de maior interesse dos(as) alunos(as), representando juntos 57,2% de todas as respostas.

O desinteresse foi manifestado por 13,6% dos(as) professores(as), que sinalizaram uma estreita relação entre o desinteresse dos(as) alunos(as) e a falta de informação:

> *Os estudantes não demostram interesse pelo assunto (Prof. Jorge).*
>
> *Eu acho que o desinteresse está ligado a desinformação, no geral nossos alunos são muito desinformados em qualquer tema e Saúde é apenas um deles (Profª Adélia).*
>
> *Falta de informação no tema e até falta de acesso a profissionais da área (Profª Thalita).*

Nesse caso, podemos assumir a escola como um espaço para que esse(a) aluno(a) tenha acesso aos temas sobre saúde e a partir disso passar a ter motivação e curiosidade.

O interesse do(a) aluno(a) pode ser relacionado a uma outra questão bastante fundamental e definida em Currículo, é o caso do protagonismo juvenil. Nele, reconhecemos nos adolescentes potencialidades quanto à sua participação em processos de transformação do meio e contribuição para a promoção de saúde da população. A escola se torna espaço privilegiado para tal fim pois é o espaço que os estudantes ocupam grande parte do tempo (SILVA *et al.*, 2010).

O espaço para o protagonismo dos jovens é algo a ser conquistado constantemente pois

> Historicamente, tanto no âmbito nacional, quanto internacional, os indivíduos economicamente produtivos detêm a primazia do reconhecimento de seus direitos, incluindo o direito de opinar, participar e influenciar as decisões que possam afetar o seu bem-estar. O mesmo não ocorre com crianças, adolescentes e jovens. Ainda vivemos com os resquícios do longo período no qual estes foram encarados como "menores" – termo que explicita o fato de que o seu valor, direitos e capacidades eram considerados menores de que os dos adultos. Essa cultura excluiu a adolescência da participação social, favoreceu a sua alienação e imaturidade e delegou a outrem o direito e a tarefa de decidir o que seria melhor para ela (SILVA *et al.*, 2010, p. 292).

A constituição e luta por esse espaço de protagonismo propicia diversos benefícios aos estudantes, à escola e à comunidade afinal busca "ajudar o adolescente a construir sua autonomia, potencializando espaços e situações propiciadoras de uma participação criativa, construtiva e solidária" (SILVA *et al*., 2010, p. 292). Para que possam desenvolver o papel de atores ativos, é necessário lembrar que essa participação não substitui o papel de outros agentes no processo.

5.6 PRÁTICAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM SAÚDE

Apesar de todos os(as) professores(as) concordarem sobre a relevância de se trabalhar saúde em suas aulas, na prática esse número sofre um pouco de alteração. Dezesseis professores(as) (69,6%) relataram já terem tratado de saúde em suas aulas e sete (30,4%) responderam que não.

Os(As) professores(as) que responderam terem trabalhado alguma temática de saúde em suas aulas, depois comentaram quais foram essas temáticas, totalizando 38 temas.

Os temas trabalhados foram bem variados, mas alguns tiveram uma maior frequência nas respostas: Saúde mental e emocional, COVID-19 e alimentação foram os três temas de maior incidência representando 52% das respostas conforme mostra a Tabela 3:

Tabela 3. Temas mais trabalhados pelos(as) professores(as)

Temas mais trabalhados pelos(as) professores(as)	Frequência	Porcentagem
Doenças mentais e emocionais	8	21,1%
COVID-19	7	18,5%
Alimentação	5	13,2%
Doenças gerais e prevenção	4	10,5%
Higiene	4	10,5%
Impactos ambientais na saúde	2	5,3%
Saneamento básico	2	5,3%
Desigualdade social	1	2,6%
Qualidade de vida	1	2,6%
Anatomia	1	2,6%
Gravidez	1	2,6%
Saúde pública	1	2,6%
Atividade física	1	2,6%

Fonte: Dados coletados em Questionário do *Google Forms* (NONATO, 2022)

Sobre os recursos metodológicos para a abordagem de tais temas, a utilização de recursos tecnológicos (vídeos, slides etc.) foi a de maior frequência nas respostas, seguida de aula expositiva. Empatados com 11,3% estão o uso de textos, ilustrações e imagens, pesquisa e debate, roda de conversa e conversa. Em menor quantidade, citaram também uso de livro/apostila, música, palestra, conversa informal, levantamento prévio de informações. O Professor Ariano comentou: "Contamos também com a parceria da unidade básica de saúde", demonstrando que em algumas escolas a articulação entre os dois setores é possível.

Tabela 4. Metodologia ou recursos utilizados

Metodologia ou recursos utilizados	Frequência	Porcentagem
Recursos tecnológicos como vídeo, slide etc.	10	22,7%
Aula expositiva	7	15,9%
Textos	5	11,3%
Ilustrações/imagens	5	11,3%
Pesquisa	5	11,3%
Debate, roda de conversa, conversa	5	11,3%
Levantamento de conhecimentos prévios e situação cotidiana	2	5,2%
Trilhas de Aprendizagens	1	2,2%
Livro didático	1	2,2%
Música	1	2,2%
Palestra	1	2,2%
Parceria com a UBS da região	1	2,2%

Fonte: Dados coletados em Questionário do *Google Forms* (NONATO, 2022)

A participação dos(as) alunos(as) foi avaliada como positiva no que se refere à temática de saúde para todos os dezesseis professores, cujas respostas tiveram os adjetivos como "boa", satisfatória", "positiva", "participativa", "interessada" e "prazerosa". Comentou-se também sobre acolhimento e fomento à curiosidade:

> *Tenho a impressão que se sentem acolhidos e cria um vínculo maior com o professor (Profª Rachel).*
>
> *Eles estão sempre trazendo assuntos como esses, então a participação é total quando nos importamos em respondê-los de forma clara e até mesmo continuam com pesquisa em casa (Profª Marina).*
>
> *A participação é sempre positiva, apresentam interesse sobre o tema em sua grande maioria e alguns acabam fazendo questionamento em aula (Profª Cecilia).*

Podemos apreender pelas falas dos(as) professores(as) que a receptividade dos(as) alunos(as) tem sido positiva ao analisarmos do ponto de vista da participação. E mais, que os temas ligados à saúde despertaram interesse e curiosidade promovendo vínculo entre os envolvidos.

A garantia de uma aprendizagem significativa e transformadora no ensino de saúde tem se apresentado com um dos grandes desafios para a educação. As práticas alertam que a transmissão de informações não é o bastante para o desenvolvimento de atitudes saudáveis (BRASIL, 1997). É possível inferir um discreto avanço nas práticas com a abertura para propostas mais dialogadas tais como as rodas

de conversa e afins. O uso das tecnologias é compreensível dado o contexto pandêmico em que se fomentou atividades com pouco contato físico. As aulas expositivas também são mencionadas e sendo realizadas de forma dialogada, ou somadas a outras práticas também contribuem para o desenvolvimento dos(as) estudantes.

5.7 PRÁTICAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM SOBRE SAÚDE DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

A pandemia de COVID-19 por sua alta transmissibilidade e ausência até então de vacina, em 2020, provocou a necessidade de uma série de ações, uma das medidas tomadas para amenizar as taxas de contaminação foi diminuir a circulação das pessoas e evitar ambientes fechados foi suspensão das aulas presenciais. Com isso, as aulas foram realizadas de forma remota em 2020 e em 2021 de forma híbrida e presencial. O contexto movimentou as escolas de diversas maneiras, não só em relação aos protocolos sanitários e adaptações no ambiente, mas nas práticas de ensino-aprendizagem dentro das salas de aula. Por isso procuramos compreender se a pandemia de COVID-19 impulsionou temas relativos à saúde nas aulas dos diversos componentes curriculares e obtivemos como resultado: vinte e um professores(as) (91,3%) responderam que sim e dois (8,7%) responderam que não.

Nesse contexto de pandemia, os temas relativos à COVID-19 e às doenças mentais/emocionais receberam destaque nas respostas dos(as) professores(as) como mais abordados em sala de aula. A questão da higiene também foi citada. Com menor frequência os temas alimentação, arte, gravidez e peste negra surgiram:

Tabela 5. Temáticas relacionadas à saúde durante à pandemia de COVID-19

Temáticas relacionadas à saúde durante à pandemia de COVID-19	**Frequência**	**Porcentagem**
COVID-19 (transmissão, prevenção, vacina, etc.)	14	46,4%
Doenças mentais/emocionais (depressão, ansiedade, suicídio)	9	30%
Higiene	3	10%
Alimentação	1	3,4%
Arte associada à saúde	1	3,4%
Gravidez	1	3,4%
Peste negra	1	3,4%

Fonte: Dados coletados em Questionário do *Google Forms* (NONATO, 2022)

A Tabela 6 apresenta um panorama da forma como esses temas foram abordados em sala:

Tabela 6. Metodologia ou recursos utilizados

Metodologia ou recursos utilizados	Frequência	Porcentagem
Conversa, debate, roda de conversa ou relato de experiência	10	22,7%
Análise de textos e imagens	7	16%
Pesquisa	5	11,4%
Videoaula, documentário	4	9%
Aula expositiva	3	6,8%
Cartaz	2	4,5%
TCA e outros projetos	2	4,5%
Participação dos(as) alunos(as)	2	4,5%
Reflexão	2	4,5%
Palestra	1	2,3%
Gráfico, tabela e porcentagem	1	2,3%
Seminário	1	2,3%
Música	1	2,3%
Currículo da Cidade	1	2,3%
Dinâmica	1	2,3%
Atividade de sensibilização (escuta)	1	2,3%

Fonte: Dados coletados em Questionário do *Google Forms* (NONATO, 2022)

Os temas abordados foram desenvolvidos em sua maioria a partir de conversa, debate, roda de conversa ou relato de experiência, atividades que demonstram participação ativa dos(as) estudantes pois promovem a escuta, o diálogo e a troca de conhecimentos e vivências. A análise de textos e imagens foram práticas também de destaque como recursos que contribuem bastante para a compreensão da pandemia COVID-19. Os materiais da SME como o *Trilhas de Aprendizagens* (2021) exploraram essa temática dos textos e imagens em todos os componentes curriculares. Essas apostilas foram entregues aos(às) alunos(as) durante a suspensão total das aulas e para alguns foi o único recurso disponível em casa para estudo.

5.8 FACILIDADES E FRAGILIDADES NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM SAÚDE

No processo de ensino-aprendizagem é comum se deparar com desafios dos mais diversos e quando tratamos dos temas sobre saúde no contexto escolar não é diferente.

As facilidades informadas pelos(as) professores(as) em suas práticas:

> *As facilidades é que o tema rende, sempre temos relatos (Prof. Manuel).*
>
> *Falar de doenças desperta curiosidade, porque faz parte da vida. Facilidade: interesse e curiosidade do estudante (Profª Lygia).*
>
> *O interesse vem deles, isso é ótimo (Profª Marina).*
>
> *A facilidade é quando há parceria de todos da unidade escolar e pais participam destes debates (Profª Hilda).*

Destacam-se as falas referentes à interesse e participação assim como as parcerias estabelecidas que favorecem as práticas de ensino-aprendizagem em saúde. As facilidades apontadas foram em suma acerca do interesse/curiosidade dos(as) alunos(as) nas temáticas relacionadas à saúde por conta da articulação com a vivência deles, demonstrando a importância da contextualização. A participação da comunidade também

foi citada como elemento importante, com a mesma frequência de resposta que acesso à informação e criação de hipóteses.

Quanto às fragilidades/dificuldades nesse percurso os(as) docentes comentaram:

> *Como não tenho formação específica não me sinto à vontade para tratar do tema saúde mental (Profª Cecilia).*
>
> *Não me sinto segura para trabalhar temas com depressão. Não tenho preparo para trabalhar esse tema de forma coletiva (Profª Rachel).*
>
> *Falta de conhecimento meu e de domínio a respeito de alguns questionamentos (Profª Lélia).*
>
> *É preciso uma formação do professor para ter conteúdo nas aulas (Profª Ruth).*

As fragilidades elencadas pela maioria dos(as) professores(as) se referem à falta de formação e conhecimento nas temáticas de saúde assim como a articulação com o tema e a sua disciplina. Schwingel *et al*. (2021, p. 483) relatam que

> A natureza dessas fragilidades da ação educativa com o tema da ES na escola, de modo a integrar os conhecimentos, os valores e as práticas, reside principalmente na formação dos professores, que se inicia nos cursos de formação inicial, mas que deve permanecer ao longo da carreira docente, por meio da formação continuada.

As fragilidades mencionadas poderiam ser diminuídas com processos formativos desde a formação inicial. Esses processos para serem significativos precisariam ser transformados, conforme Paro (2018, p. 110) indica

> uma política urgente de formação de educadores deve incidir preferencialmente sobre o Educador que já está em exercício [..] Mas essa formação "em serviço" não pode seguir o velho estilo tradicional e sim ser objeto de uma política pública que vise de fato a transformar a própria escola.

Ações isoladas e independentes ainda fazem parte do cotidiano quando tratamos de saúde na escola. O(A) professor(a) não é o único(a) responsável por sua formação. A Coordenação Pedagógica, a Gestão escolar, a Diretoria Regional também têm seu papel nesse processo. Os espaços formativos e a abordagem pedagógica também são essenciais no trabalho com o docente em exercício.

5.9 PROJETOS DE SAÚDE REALIZADOS ENTRE 2020 E 2022

Além das atividades em sala de aula, os projetos também são uma forma bastante eficaz em termos de aprendizagem dos(as) alunos(as) pois são uma forma de unir diversos saberes, promover a interdisciplinaridade, mobilizar a escola como um todo em prol de uma ação:

> Não basta a inserção de temas de saúde em diversas atividades das disciplinas escolares, nas quais cada professor tratará de forma isolada ao seu próprio modo. É necessário um compromisso colegiado da escola como um todo, no qual todos os professores, juntamente com outros profissionais, irão planejar e desenvolver ações buscando promover a saúde de forma permanente nas escolas (MARINHO *et al*., 2015, p. 441).

Verificamos quais projetos relacionados à saúde foram desenvolvidos em 2020 e 2021. Treze professores(as) (59,1%) mencionaram não ter ocorrido o desenvolvimento de projetos ligados à saúde em suas escolas nesse período, enquanto nove (40,9%) disseram que sim. Alimentação foi o tema mais apontado:

> *Na minha escola tem o projeto "Alimentação Saudável", onde trabalhamos o valor dos alimentos e sua importância em nossa alimentação e para completar o projeto, temos a horta da escola. Isso reflete na refeição dos alunos (Profª Carolina).*

O Prof. João expõe sua experiência positiva com projetos: "O exercício da escuta, a empatia. Isso foi e é gratificante. Parar tudo, pra ouvir, pra receber, recepcionar. Deixá-los confortáveis". Enquanto isso, a Profª Lygia cita "estudos e pesquisas e confecção de cartazes relacionados ao Covid 19", mas esclarece que não considerou como projeto.

A Profª Rachel relata "não participei diretamente" e o Prof. Mário "por conta da pandemia, não era presencial, então os temas foram abordados de forma simbólica e superficial, pois era participação virtual". Esse último professor apresenta um ponto importante que é a dificuldade que os(as) professores(as) tiveram na adaptação do conteúdo para o meio virtual. Lembramos que muitos projetos podem e são desenvolvidos a partir de meios virtuais, mas para isso é necessário organização, planejamento, tempo dentre outros aspectos que entendemos dada a situação emergencial não terem sido possíveis a realização na íntegra. A Profª Ruth por sua vez relata "foram discutidos em formação o curso e os trabalhos feitos com alunos", mas não apresenta mais detalhes.

Também voltamos nosso olhar para o ano de 2022, houve necessidade de separarmos os períodos pois em 2022 os(as) alunos(as) retornaram 100% presencial e esse fato poderia gerar alterações nas práticas de ensino-aprendizagem que até então consideram um contexto híbrido.

O projeto relacionado à alimentação foi o de maior frequência nas respostas acerca dos projetos desenvolvidos ou a desenvolver em 2022. Em seguida, o Projeto PAS (*Projeto Adolescente Saudável)* e saúde mental:

> *Alimentação saudável (Profª Hilda).*
>
> *PAS – Projeto Adolescente Saudável. Este projeto é trabalhado com as turmas dos nonos anos, assuntos e temas relacionados com qualidade de vida, prevenção às drogas, prevenção contra DSTs, e alimentação saudável (Profª Zélia).*
>
> *Saúde mental e projeto de vida saudável (Prof. Ariano).*

Em se tratando de projetos envolvendo saúde que poderiam ser desenvolvidos em suas escolas, os(as) professores(as) apresentaram sugestões, conforme algumas falas:

Apoio a saúde mental e a efetiva realização de projetos que levantem os problemas por falta de alimentação adequada e questões como gravidez precoce, drogas etc. (Profª Hilda).

No momento acredito ser mais relevante o tema Automutilação e Ansiedade (Profª Conceição).

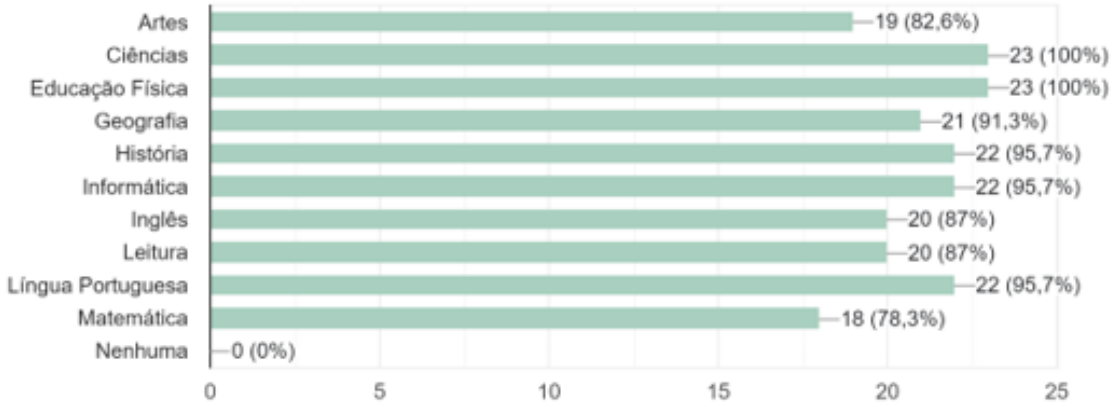
Projetos relacionados a temas como ansiedade, depressão, obesidade, sedentarismo na adolescência, a importância das atividades físicas, problemas de saúde relacionado ao excesso do uso de telas (celular, tablet e computador) (Profª Clarice).

Como se pode constatar, as doenças mentais/emocionais são o grande destaque, seguidas de gravidez, sexo seguro, DSTs, higiene e questões ligadas ao corpo como obesidade e sedentarismo. Outros temas foram citados pontualmente, tais como dengue, drogas, sustentabilidade e ética e cidadania. Antes da pandemia de COVID-19 essa pauta de saúde se mostrava necessária nas escolas. Com a pandemia as questões emocionais se intensificaram e necessitam de maior espaço nas escolas, na perspectiva dos(as) professores(as).

5.10 A SAÚDE NOS COMPONENTES CURRICULARES

A saúde não está restrita a componentes curriculares, ela perpassa todos os conteúdos e a própria vida na escola. Perguntamos aos(às) professores(as) em quais disciplinas era possível trabalhar temáticas de saúde. O Gráfico 1 representa as respostas apresentadas:

Gráfico 1. Trabalho em saúde nos diferentes componentes curriculares



Fonte: Dados levantados no *Google Forms* aplicado junto aos(às) professores(as) (NONATO, 2022)

Se evidencia que Ciências e Educação Física, disciplinas que comumente se articulam à saúde desde sua base, são vistas como abertas para essas temáticas. As outras disciplinas também tiveram alto índice, mas não alcançaram unanimidade. Ainda assim os números altos mostram que os(as) professores(as) reconhecem as possibilidades das temáticas de saúde inseridas em todas as disciplinas, isso é bem positivo pois facilita ações interdisciplinares pela transversalidade curricular.

A interdisciplinaridade define-se como processo de interação, articulação e interdependência entre áreas do conhecimento, é exercício de aprendermos a pensar com o outro, se relaciona com mobilização e diálogo. O termo pressupõe várias possibilidades de interpretação, sendo utilizada em diversos campos tais

como a saúde, a educação, as ciências sociais e outros. O objetivo da interdisciplinaridade é a de "atender a necessidade de resolver problemas pedagógicos e científicos novos e complexos, dentro de uma determinada concepção de realidade, de conhecimento e de linguagem" (PAVIANI, 2008, p. 19).

No campo da educação "a interdisciplinaridade não pode ser vista como um conjunto de disciplinas que nós vamos juntar e fazer um novelo de linhas que se misturam. É muito mais do que isso. A interdisciplinaridade pressupõe, então, o outro" (ROSAS, 1998, p. 23). Em termos gerais "a interdisciplinaridade pode ser praticada na atuação profissional, especialmente quando se requer a busca e a sistematização de conhecimentos provenientes de diversas áreas do conhecimento para resolver problemas reais (PAVIANI, 2008, p. 19-20).

6 PALAVRAS FINAIS...

Esta pesquisa representa uma tentativa de avançar na compreensão da Educação em Saúde na Escola com foco na formação e nas práticas de ensino-aprendizagem de professores(as) do Ciclo Autoral de escolas da Rede Pública Municipal de São Paulo na região do Campo Limpo. A análise dos dados evidenciou a necessidade de fortalecimento das ações formativas voltadas à saúde considerando os anseios e perspectivas dos(as) professores(as).

A formação inicial docente relativa à saúde se mostrou tímida, demostrando a necessidade de aprofundamento das temáticas para que se fortaleçam nessa fase importante da formação. O pouco acesso ou ausência de temáticas sobre saúde acarreta impactos nas práticas de ensino-aprendizagem em sala de aula, pois gera mais desafios aos(às) docentes que pretendem desenvolvê-las.

Na formação continuada a situação se transforma, afinal mais professores(as) relataram a presença de temáticas de saúde em suas formações, bastante marcada pelo período pandêmico. Essas formações foram vistas como positivas e o interesse dos(as) docentes nas temáticas em saúde foi perceptível.

A Educação em Saúde é compreendida pela maioria dos(as) professores(as) como um conceito amplo que se articula a diversos segmentos e proporciona benefícios para alunos(as), professores(as) e toda a comunidade escolar principalmente acerca da qualidade de vida.

A relevância sobre a abordagem dos temas de saúde em todos os componentes curriculares foi pontuada na fala de todos(as) os(as) colaboradores(as). Isso evidencia que não há dúvidas a respeito da importância e dos benefícios da inclusão da saúde nas práticas cotidianas escolares em todos os componentes curriculares demonstrando possibilidades de ações interdisciplinares

Apesar da relevância da saúde reconhecida por professores(as) durante o período de 2020 e 2021, auge da pandemia, não foram realizados tantos projetos dessa temática. Essa situação sinaliza de uma certa maneira a dificuldade de conectar ações na escola com as demandas urgentes da sociedade no campo da saúde.

Há um espaço em construção da Educação em Saúde nas escolas investigadas, as ações mesmo que tímidas têm demonstrado frutos quanto ao interesse e participação dos(as) alunos(as) e fomentado avanços

nas práticas docentes. A pandemia de COVID-19 constituiu-se fator mobilizador de práticas de saúde impulsionadas pelo contexto, protocolos e ações para garantia das aprendizagens, embora de maneira tímida. Mas ainda há um caminho a percorrer no sentido de se ouvir e atender as expectativas e demandas dos(as) professores(as) que perpassam as questões referentes ao Coronavírus. Nesta pesquisa pudemos ter contato com diversos relatos importantíssimos de prática e ideias para melhorar a qualidade de vida da comunidade. Vimos que a formação inicial e continuada reflete a atuação docente, delineando possibilidades de caminhos para onde seguir.

Sabemos que as práticas em conjunto tendem a obter mais força, logo ações intersetoriais, o fortalecimento das políticas públicas e sua concretização nas práticas do dia a dia tornam-se essenciais nas reflexões e discussões dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Saúde**. Brasília: MEC/SEF. 1997. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/saude.pdf

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_24.pd

_____. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Glossário temático: gestão do trabalho e da educação na saúde / Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 44 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

CANDEIAS, N. M. F. Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. **Rev. Saúde Pública**, 31 (2): 209-13, 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rsp/a/P9zNFfcwyJM3rzs5DFcQwqv/?lang=pt&format=pdf

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 4º ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 67º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança** [recurso eletrônico]: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 1º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 73º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HOGA, L. A. K.; PEREIRA, P. F. Paradigmas de pesquisa. In: HOGA, L. A. K.; BORGES, A. L. V. **Pesquisa Empírica em Saúde** – Guia prático para iniciantes. 1ª ed. EEUSP: São Paulo, 2016.

MARINHO, J. C. B.; SILVA, J. A. da; FERREIRA, M. A educação em saúde como proposta transversal: analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais e algumas concepções docentes. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** [online]. v. 22, n. 2, p. 429-444, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/j/hcsm/a/GBGphGHFh7CZpDZNvkhc9zD/abstract/?lang=pt#

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2º Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NONATO, B. C. A formação e a prática de ensino-aprendizagem em Educação em Saúde do professor da Rede Pública Municipal de São Paulo: análise do Ciclo Autoral na região do Campo Limpo. Dissertação de Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde – Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde, Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2022.

PADILHA, P. R. **Educar em Todos os Cantos: reflexões e canções por uma educação intertranscultural**. 1ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

PARO, V. H. **Professor: artesão ou operário?** São Paulo: Cortez, 2018.

PAVIANI, J. **Interdisciplinaridade: conceito e distinções.** 2º ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

ROSAS, A. S. Conectando interdisciplinaridade e humanização no processo de mudança. In: OLIVEIRA, Maria Marly de; RIBEIRO, Magali Maria de Lima. **Paulo Freire: 20 anos de ausência presença.** Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2020.

SÃO PAULO, Cidade de. Subprefeitura Campo Limpo. Dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras. 02/02/2022. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758 (Acesso em 05/08/2022)

_____, Cidade de. Subprefeitura Campo Limpo. Histórico do Campo Limpo. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/campo_limpo/historico/index.php?p=131 (Acesso em 01/07/2022)

_____. Decreto nº 54.453, de 11 de outubro de 2013. Fixa as atribuições dos Profissionais de Educação que integram as equipes escolares das unidades educacionais da Rede Municipal de Ensino. Disponível em: https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-54453-de-10-de-outubro-de-2013 (Acesso em 24/10/2022)

_____. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade: Ensino Fundamental: componente curricular: Língua Portuguesa** – 2.ed. – São Paulo: SME / COPED, 2019.

SCHWINGEL, T. C. P. G.; Araújo, M. C. P. Educação em Saúde na escola: conhecimentos, valores e práticas na formação de professores. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online]**. v. 102, n. 261, p. 465-48, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102i261.3938

SILVA, M. A. I.; MELLO, D. F. de; CARLOS, D. M. O adolescente enquanto protagonista em atividades de educação em saúde no espaço escolar. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, Goiás, Brasil, v. 12, n. 2, p. 287–93, 2010. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fen/article/view/5301

SOUZA, I. P. M. A.; JACOBINA, R. R. Educação em Saúde e suas versões na história brasileira. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 33, p. 618-627, 2009.

USP, Jornal da. Pandemia é responsável por cerca de 36% dos casos de depressão em crianças e adolescentes. 13/10/2021. Disponível em: https://jornal.usp.br/atualidades/pandemia-e-responsavel-por-cerca-de-36-dos-casos-de-depressao-em-criancas-e-adolescentes/ (Acesso em 30/11/2021)